

Livro de Milagres de Nossa Senhora de Guadalupe: a construção de uma identidade, a fabricação de uma tradição.

BRUNO SOARES MIRANDA*

Durante o século XV, um Mosteiro situado na região da Estremadura Castelhana atraiu inúmeros peregrinos portugueses que para lá se deslocavam para agradecer graças recebidas: o Real Mosteiro de Nossa Senhora de Guadalupe.

Guadalupe foi um priorato regular, tendo o prior, além do governo do Mosteiro, o senhorio da vila e a cura das almas da paróquia. Assim que a ordem de São Jerônimo se estabeleceu no local, verificamos o aumento do patrimônio e uma crescente divulgação do culto e seus milagres (MENDES, 1994: 22). Através de doações, o patrimônio do Mosteiro de Nossa Senhora de Guadalupe não parava de crescer. Devemos observar que nos santuários de peregrinação, as receitas de doação tinham uma importância a mais, pois a generosidade dos fiéis era, neles, incentivada pela ocorrência de curas e outros eventos milagrosos. Exemplo disto são os privilégios concedidos por D. Afonso V ao Mosteiro de Guadalupe. Daí a resistência oferecida pelos santuários mais antigos ao surgimento de outros novos. Segundo Cândido dos Santos, “as doações que a liberalidade real e a piedade dos cristãos faziam às igrejas e aos mosteiros, as compras que estes realizavam, conduziram a concentração na sua mão de uma enorme quantidade da propriedade fundiária”.(SANTOS, 1996: 59).

Além das esmolas, das doações e das benesses, o gado constituía uma grande fonte de rendimentos e abastecimento dos peregrinos. As rotas que levavam os peregrinos para o Mosteiro de Guadalupe, em parte, foram aproveitadas pelos caminhos que os monges utilizavam para a pastagem dos gados.

Os monges Jerónimos de Guadalupe possuíam ótimas condições para aumentar o número de cabeças de gado, visto que possuíam campos de pastagem, passando pelo recebimento do dízimo dos gados que pastavam nos seus campos até a importante proteção dada pelos monarcas castelhanos e as dádivas de particulares obtidas através de preditórios. Devido a isto, crescia o quantitativo de animais. Ovelhas, vacas, cabras e porcos eram criados cada vez mais pelos monges Jerónimos.

Sobre o aspecto político podemos observar a importância do Mosteiro ligada ao

* GEMPO/USP- Mestrando

crescimento deste. Ser monge em Guadalupe era motivo de regozijo, a que não se pode desligar o clima de crescimento do Santuário desde o seu início. O numero de religiosos cresceu rapidamente desde a chegada dos primeiros Jerónimos. O Mosteiro vivia no século XV um período de crescimento e de concentração de riqueza que permitia aos Jerónimos serem uma ordem poderosa e aristocrática como atesta um provérbio quatrocentista:

*Aquele que é conde
Se quer ser duque
Faça-se monge em Guadalupe.*

*Se queres que o teu filho seja duque
Fá-la monge em Guadalupe.*

Quando maior o Mosteiro, quando maior o número de peregrinos que para lá partiam e, conseqüentemente, quando maior a riqueza, maior o poder político do Mosteiro. E era neste sentido, o poder político do Mosteiro de Nossa Senhora de Guadalupe. A importância política do Mosteiro pode ser ilustrada com a peregrinação de monarcas a ele, como por exemplo, D. Afonso V.

Outro fator que ilustra a posição política do Mosteiro Castelhana é a presença de túmulos de nobres existente no local. Neste sentido, ganha destaque o caso de D. Dinis, filho de D. Pedro I e D. Inês de Castro e sua esposa D. Joana, filha bastarda de Henrique II, escolheram o Mosteiro como local de sepultamento. Eles foram enterrados no Mosteiro de Santo Estevão em Salamanca e posteriormente tiveram seus corpos transladados para Guadalupe. Assim, observamos uma construção de uma identidade guadalupana ligada a nobreza.

No Mosteiro, encontramos um Livro de Milagres¹. Este é uma documentação que era destinada a promover o culto mariano, para isto os jerónimos catalogavam os milagres que levavam os peregrinos ao Santuário. Mário Martins destaca que, “a partir da segunda metade de quatrocentos, o santuário de Nossa Senhora de Guadalupe deu origem a uma série de obras deste gênero (...)” (MARTINS, 1951: 128). Estes textos

¹ Em geral, um Livro de Milagre diz respeito a um centro de afluência de uma vasta zona de romeiros. Em terras lusas, encontramos alguns Livros de Milagres como por exemplo, o de São Abdão, Nossa Senhora de Oliveira, dentre outros.

permitem perceber as crenças e práticas religiosas do século XV na Península e igualmente estabelecer vinculações com os principais processos políticos, sociais e culturais desta época. Através destes relatos, os monges da Ordem de São Jerónimo colocaram seus conhecimentos, de uma maneira genuinamente cristã de ver e compreender o mundo, baseada na devoção mariana do século XV.

O Livro de Milagre de Nossa Senhora de Guadalupe possui nove códices que relatam milagres desde as primeiras décadas do século XV até meados do século XIX e são guardados no Mosteiro até os dias atuais. Destes relatos trabalharemos com aqueles que narram os milagres envolvendo portugueses e, devido ao nosso corte temporal, século XV, trabalharemos com os três primeiros códices.

Por atrair um número de peregrinos menor do que os grandes centros de peregrinação, a chegada dos peregrinos ao Mosteiro era registrada, indicando alguns dados. Estes dados² são encontrados no Livro de Milagres do Mosteiro de Nossa Senhora de Guadalupe e servia de instrumento de publicidade da Virgem e do Mosteiro pelos monges jerónimos. Estes relatos de milagres eram promovidos em Portugal por várias formas. Podia ser pelos próprios monges do Mosteiro que andavam em terras lusas a procura de pastos para seus gados, por monges jerónimos portugueses quem eram formados no Mosteiro da Virgem de Guadalupe, ou através de relatos dos próprios peregrinos no seu retorno. Com isto, os jerónimos criavam, em Portugal, uma tradição ao culto voltada a Nossa Senhora de Guadalupe.

Em relação aos motivos das peregrinações, podemos verificar que a imagem de Nossa Senhora de Guadalupe estava fortemente relacionada à saúde, a tempestades, a fuga de cativos e naufrágios e por questões de justiça. Nesta comunicação, iremos tratar as questões voltadas para a saúde.

Verificamos que a imagem da Virgem morena não se relaciona com uma doença em especial, pois devido a variadas espécies de doenças, os peregrinos realizam o percurso.

Porém, no século XV, a peste é a que mais assombra, é o fator que mais aproxima da morte. Neste século, encontramos diversas epidemias em Portugal nos anos de 1410, 1413-15, 1429, 1432, 1437-38, 1439, 1440, 1448, 1453-55, 1457, 1458, 1464-

² Os dados obtidos são: nome, proveniência, profissão/ cargo, motivo, como realizou a peregrinação, dádivas e data.

69, 1477, 1480-81, 1483-86, 1492 e 1496 (BRAGA, 1993: 83). A peste é encarada como um castigo divino, seja pelos pecados individuais, seja pelos pecados coletivos, e nesse sentido possui um caráter moral. Mesmo com a consciência, desde o século XIV, que o contágio poderia acontecer através de contato com outra pessoa infectada, muitos peregrinos partiam para Guadalupe para agradecer a cura, por terem sido poupados da ira divina, ignorando que, por ser um movimento de grupos de pessoas, a peste poderia ser propagada na peregrinação. Através dos registros de peregrinos, podemos conhecer melhor dois períodos de pestes, um acontecido em Elvas no ano de 1481 e outro na cidade de Lisboa em 1492.

Com a promessa de oferecer um círio, os moradores de Elvas rogaram a Virgem de Guadalupe o fim da peste. Esta diminuiu de intensidade logo após ficar pronto o círio que continha as pinturas da imagem da santa e as armas do rei de Portugal, o que mostra a relação entre eles. A peregrinação aconteceu no ano posterior ao da peste:

“houvesse pestilência em la villa de Yelves por espacio de un año e muriesse della mucha gente ayuntamonos muchos vesinos de aquel logar e otras buenas personas e supolicamos a Nuestra Señora de Guadalupe que trouxesse por bien rogar a su precioso hijo Nuestro Señor Jhesus Christo quissesse alçar de nos su yra e aver misericordia de aquella villa” (AMG, *Códice* 1, fol. 62)

Em relação aos moradores de Lisboa, sabe-se que foram guiados por um dominicano, Frei António e que assim como os moradores de Elvas, chegaram ao Mosteiro no ano posterior ao da peste. Igualmente prometeram um círio de cera branca com quarenta arrobas de peso. Diferentemente do caso de Elvas, não levaram o círio pronto, mas sim, fizeram em Guadalupe. Isto nos mostra que toda uma infra-estrutura destinada a atender as necessidades dos peregrinos era encontrada ao redor do Mosteiro:

“Em el tiempo que los judios fueron echados de Castilla por los muy serenísimos y catholicos rey nuestros señores fueron por el rey de Portugal recibidos em suretno so cierto por el tiempo que allí avian de estar pêra de ally passar allende, e vino luego por justo juizio de Dios uma pestilência universal em todo el reyno de Portugal e como la cibdade de Lisbona fuese muy agraviada de la dicha pestilência acorrenronse a demandar la ayuda de Nuestra Señora La Virgen Maria de Guadalupe. E fecho su ayuntamiento pêra siempre em la su iglesia de Guadalupe em memória del beneficio de dalud que em breve della segun su buena fé y devocion esperavan alcançar e acecio cosa digna de ser puesta em memória que enviando los maestros de la cera

pêra fazer el círio a esta sancta casa com otros hombres Buenos de la dicha de Lisbona estovierom em llegar aqui diez dias em los quales asi como se vênia acercando a esta casa de Nuestra Señora assy se disminuía el cuento de los que de pestilência moriam y hasta nom morir algunos que nom acaecia sin maravilla y assy fue tomado por testimonio y enbiado a um maesto em Sancta Theologia que avia nombre fray Anton, frayer, de los Predicadores el qual com los hombres Buenos de la cibdad venindo avia y publicamente lo pedico em el pulpito desta eglefia deGuadalupe aver assi passado dello testimonio el alguazil de Lisbona y otros y muchos de aquella cibdad que avian venido a visitar y a fazer a Nuestra Señora Virgen Maria em su sancta casa por tanto beneficio por ella tan piadosamente recebido. E fecho el círio pusieronio em la capilla mayor em el anno del Señor de mil e cccc v xciii em mês de Mayo.” (AMG, *Códice* 1, fol. 110- 110v)

Encontramos igualmente males que não estão relacionados a peste. É o caso, por exemplo, de D. Jorge, filho de Catarina de Silveira. Ele estava imobilizado durante sete meses e inclusive estava desenganado pelos médicos:

“E como um judio que era gran físico le fuesse a vesitar por mi ruego e viesse su enfermedad preguntandole yo que sentia del respondio: señora...pues quereis saber la verdad que vuestro hijo no tienes mas de ochos dias de vida porquanto tiene sus entrañas podidas e tan solamente su vida esta em Dios.” (AMG, *Códice* 1, fol. 115 v)

Diante deste diagnóstico, a mãe rogou a Virgem de Guadalupe e tendo seu filho curado realizou a peregrinação juntamente com D. Jorge. A presença do “judio que era gran físico” apenas torna mais grandioso o milagre, visto que este foi incapaz de realizar a cura que somente aconteceu com a intercessão de Nossa Senhora.

Imobilização corpórea é um diagnostico que igualmente encontramos em uma jovem moradora de Lisboa. Estando com seus pés e mãos paralisadas durante alguns dias foi aconselhada por uma vizinha a rogar por sua cura a Nossa Senhora de Guadalupe:

“Cata que en Castilla esta un monesterio de frades que llaman Sancta Maria de Guadalupe donde la Señora muy virtuosa faze grandes miraglos, sacando captivos e sanando otras enfermedades e yo he venido agora de allá porende fazedo voto devotamente e ella te sanara” (AMG, *Códice* 1, fol. 167 v)

Esta narração ainda afirma que a vizinha levou para a jovem uma imagem do ícone mariano e as duas realizaram a peregrinação no ano de 1499. Neste milagre podemos verificar o poder da divulgação que os frades Jerónimos realizavam da

devoção a Santa Maria de Guadalupe. A vizinha possuía um ícone, provavelmente dado por algum frei que era ou foi do Mosteiro e que assim, ajudou a propagar a fama de milagrosa da virgem. Esta afirmação pode ser constatada quando a vizinha afirma que se trata de “un monesterio de frades”, ou seja, sabia da existência de frades no local.

Encontramos também o caso de Álvaro, morador de Lisboa. Este sofria de fortes dores “sobre el vientre”. Considerado doente incurável, sua família foi aconselhada a realizar o preparatório da sepultura. Devido ao estado terminal, vizinho foram buscar um hábito de São Francisco, para realizar o desejo do doente que era ser enterrado com este hábito. Porém, ao rogarem a Virgem de Guadalupe, Álvaro recuperou a saúde e assim, realizou a peregrinação ao Santuário Estremenho.

Nos milagres, encontramos uma cura de cegueira. João Garcia, natural de Faial, peregrinou ao Santuário de Nossa Senhora de Guadalupe pois fora curado de uma “enfermidade que le acaecio um ojo de los suyos se lê sumyesse tanto e nel caso que parecia que Del todo lo tenia perdido” (AMG, Códice 3, fol. 90. v). Neste caso, curiosamente, em um primeiro momento João Garcia não peregrinou ao Santuário para realizar o agradecimento. Devido a isto, seu estado de saúde piorou e assim, curado pela segunda vez, realizou a peregrinação em 1495.

A saúde mental também é contemplada em casos de milagres relacionados a Virgem de Guadalupe. Foi o caso do morador de Canavezes, Afonso Rodrigues. Estando com “enfermedad de loucura”, foi curado após insistentes pedidos de sua esposa que era devota de Nossa Senhora de Guadalupe. Após o milagre, ambos foram ao Santuário no ano de 1497. (AMG, Códice 3, fol. 159 v)

Dentro desses grupos de milagres relacionados a cura de doenças encontramos registros de pessoas que ressuscitaram. É o caso da filha de Ana Duena. Ao sofrer uma síncope, foi julgada por todos como morta. Porém sua mãe começa a rezar a Nossa Senhora solicitando o milagre de trazer de volta sua filha ao seu convívio: “pido-te por merced que este dia de oy quieras ser my abogada e rogar a tu glorioso hijo que tenga por bien de me emprestar por algun tiempo esta mi hija.” (AMG, Códice 1, fol. 16 v). Com o milagre realizado, partiram, mãe e filha para o Mosteiro de Nossa Senhora de Guadalupe.

Outro caso de ressurreição é da filha de Catarina Dias que faleceu após três horas de perda de sangue constante pelos olhos e pela boca. A través do auxilio de Nossa

Senhora de Guadalupe voltou a viver, realizando então como forma de agradecimento, a peregrinação ao Mosteiro.

Podemos observar que, ao sentir a eminência da morte, depois de esgotadas as “tentativas humanas”, a reação imediata é de apelar para o sobrenatural, implorando para uma ajuda divina, para o milagre. Podemos igualmente concluir nestes milagres que envolvem casos de ressurreição que “vigorava a idéia que a vida humana pertencia a Deus que a emprestava pelo tempo que entendia.” (MENDES, 1989: 665).

Estes milagres eram difundidos em Portugal, aumentando assim a tradição ao culto a Nossa Senhora de Guadalupe em Portugal. Esta influência é perceptível quando analisamos os peregrinos que partiam em romaria para Guadalupe no século XV. Observamos que se tratavam de portugueses de todos os estratos sociais e por diversos motivos.

Em relação ao tipo de peregrino que iam ao Santuário dedicado a Nossa Senhora de Guadalupe, os cinquenta e três milagres registrados no século XV por portugueses, fizeram movimentar mais de cento e dez pessoas:

A estes, devemos somar os dozes parentes do peregrino Pero Eanes, que desconhecemos se são homens ou mulheres e também os peregrinos da cidade de Elvas e Lisboa que iremos descrever adiante, além da comitiva que acompanhou D. Afonso V em sua peregrinação. Nestes casos, não é possível precisar o quantitativo e o sexo das pessoas que realizaram a peregrinação.

Os relatos dos milagres não precisam a idade dos peregrinos. Somente é fornecida a idade de duas crianças: 06 e 08 anos. Temos o caso de Isabel Eanes que, segundo o relato, é “moça”.

Em relação ao estado civil, somente é possível identificar cinco casais: João de Coimbra e Margarida Eanes, moradores de Lisboa, a qual faz um círio do tamanho do marido e manda uma moça rezar nove Ave- Marias por ela e pelo esposo; Fernão Vasques, carpinteiro, cuja esposa faz a súplica a Nossa Senhora de Guadalupe para que a saúde do marido seja restabelecida: “yo te suplico des salud a mi marido e le des vida porque com ella gana mi vida e la de sus hijos.” (AMG, *Códice* 3, fol. 148v); João Duarte e Isabel Dias, onde ele pede a Virgem de Guadalupe o restabelecimento da saúde da esposa. Ainda temos os casos das esposas de Afonso Fernandes, morador de Coimbra e Marcial Vaz, morador de Braga, que rezam pela saúde destes.

Sobre o ponto de partida dos peregrinos portugueses ao Santuário de Nossa senhora de Guadalupe no século XV, observamos que, devido a localidade do Mosteiro, o local era mais atrativo aos moradores do Sul do Tejo. Porém, encontramos peregrinos provenientes do Norte de Portugal, apesar de estarem mais próximo de um pólo de peregrinação muito maior: Santiago de Compostela. Encontramos portugueses provenientes das seguintes localidades: Ponte de Lima, Bragança, Braga, Amarante, Porto, Canaveses, Viseu, Crato, Mora, Elvas, Lisboa, Olivença, Setúbal, Évora, Serpa, Tavira e Faro. Além de peregrinos oriundos da Ilha da Madeira, dos Açores e das praças portuguesas de Marrocos.

Já em relação ao estrato social dos peregrinos, encontramos um grupo heterogêneo. Dentro de todos que para o Santuário da Virgem de Guadalupe peregrinaram, no século XV, é possível identificar somente alguns. Dentre estes, podemos verificar duas realidades: uma ligada ao poder régio e outra ligada as navegações, devido a expansão marítima, pois são marinheiros e piloto.

Com isto, observamos que os jerónimos, tendo como instrumento o Livro de Milagres, construíram uma identidade guadalupeana, uma imagem de Nossa senhora de Guadalupe que socorre seus fiéis nos momentos de aflição. Com isto, é criado em Portugal, uma tradição ao culto da Virgem de Guadalupe.

BIBLIOGRAFIA

ARCHIVO DO MOSTEIRO DE GUADALUPE (AMG)

BRAGA, Isabel M. R. Mendes. Para a História do medo quinhentista: peste e religiosidade. *Separata da Revista de Ciências Históricas*. Porto, V.VIII, 1993.

MARTINS, Mário. *Peregrinações e Livros de Milagres na Nossa Idade Média*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. 1951.

MENDES, Isabel M. R. Mendes. *O Mosteiro de Guadalupe e Portugal*. Contribuição para o estudo da religiosidade peninsular. Séculos XIV- XVIII. Lisboa: Centro de História da Universidade de Lisboa. 1994.

__. Portugal e o mosteiro de Guadalupe. Relações históricas na segunda metade do século XV. In: *Actas do congresso internacional Bartolomeu Dias e sua época*. Porto, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses. 1989.

SANTOS, Cândido dos. *Os Jerónimos em Portugal*. Das origens aos fins do século XVII. Porto: JNICT. 1996.